

# TRABALHO E EDUCAÇÃO: ANÁLISES CRÍTICAS NAS PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO BRASIL

Oswaldo Teodoro dos Santos Filho<sup>1</sup>  
Leandro Luciano Silva Ravnjak<sup>2</sup>

## RESUMO

A pesquisa que segue foi apresentada de forma integral para obtenção do título de Mestre em Educação, na UNIMONTES, tendo como objetivo revelar possíveis implicações teóricas da relação trabalho e educação nas teses e dissertações nos programas de pós-graduação em educação no Brasil. O trabalho constitui a categoria fundamental para a formação e do ser social, contudo, é frequentemente ocultado ou distorcido no âmbito educacional. Mesmo o trabalho docente nos cursos de formação de professores aparece circunscrito pela sua validade prática, desse modo, obscurecendo outros sentidos. Assim, na tentativa de capturar como essa relação se expressa na produção teórica no campo da educação da pós-graduação no Brasil, identificamos as perspectivas teóricas presentes nas teses e dissertações e, na sequência, analisamos os sentidos/apreensões do trabalho nas mesmas. Para tanto, foram selecionadas teses e dissertações inseridas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- BDTD de programas de pós-graduação em educação que receberam nota máxima na última avaliação quadrienal (2017-2020) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Fazemos uso como referencial teórico da analítica marxiana, reivindicamos a apreensão da realidade através da dialética materialista pela sua atualidade e por seu rigor metodológico.

<sup>1</sup>Doutorando pela FAE/UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4869-4411>. E-mail: [osvaldoteodoro2003@gmail.com](mailto:osvaldoteodoro2003@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutor em Educação. Advogado. Docente do Curso de Direito da Unimontes. Docente do Curso de Direito da Afya Centro Universitário Montes Claros. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimontes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8903-6442>. [leandrolucianodasilva@gmail.com](mailto:leandrolucianodasilva@gmail.com).



**Palavras-chave:** Educação; Marxismo e Educação; Materialismo Dialético; Pós-graduação em Educação no Brasil; Trabalho.

*WORK AND EDUCATION: CRITICAL ANALYSES IN POSTGRADUATE PROGRAMS IN EDUCATION IN BRAZIL*

**ABSTRACT**

The research presented here was submitted in its entirety for the attainment of the Master's degree in Education at UNIMONTES, with the aim of revealing possible theoretical implications of the relationship between work and education in theses and dissertations from postgraduate programs in education in Brazil. Work constitutes a fundamental category for the formation of the social being; however, it is frequently concealed or distorted within the educational sphere. Even teaching work in teacher training courses is often confined to its practical validity, thereby obscuring other meanings. Thus, in an attempt to capture how this relationship is expressed in theoretical production in the field of postgraduate education in Brazil, we identified the theoretical perspectives present in the theses and dissertations and subsequently analyzed the meanings/understandings of work within them. To this end, theses and dissertations indexed in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) from postgraduate education programs that received the highest rating in the latest quadriennial evaluation (2017–2020) by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) were selected. As a theoretical framework, we draw on Marxian analytics, advocating for the apprehension of reality through materialist dialectics due to its contemporaneity and methodological rigor.

**Keywords:** Dialectical Materialism; Education; Marxism and Education; Postgraduate Education in Brazil; Work.

*TRABAJO Y EDUCACIÓN: ANÁLISIS CRÍTICOS EN LOS PROGRAMAS DE POSGRADO EN EDUCACIÓN EN BRASIL*

**RESUMEN**

La investigación presentada aquí se sometió en su totalidad para la obtención del título de Máster en Educación en la UNIMONTES, con el objetivo de revelar posibles implicaciones teóricas de la relación entre trabajo y educación en tesis y disertaciones de programas de posgrado en educación en Brasil. El trabajo constituye una categoría fundamental para la formación del ser social; sin embargo,



con frecuencia se encuentra oculto o distorsionado dentro del ámbito educativo. Incluso el trabajo docente en los cursos de formación de profesores suele limitarse a su validez práctica, lo que oscurece otros significados. Así, en un intento de capturar cómo se expresa esta relación en la producción teórica en el campo de la educación de posgrado en Brasil, identificamos las perspectivas teóricas presentes en las tesis y disertaciones y, posteriormente, analizamos los significados/comprendimientos del trabajo en ellas. Para ello, se seleccionaron tesis y disertaciones indexadas en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD) de programas de posgrado en educación que recibieron la máxima calificación en la última evaluación cuatrienal (2017–2020) llevado a cabo por la Coordinación para la Mejora del Personal de Educación Superior (CAPES). Como marco teórico, utilizamos el análisis marxista, defendiendo la aprehensión de la realidad a través de la dialéctica materialista debido a su contemporaneidad y rigor metodológico.

**Palabras Clave:** Educación de Posgrado en Brasil; Educación; Marxismo y Educación; Materialismo Dialéctico; Trabajo.

## INTRODUÇÃO

No contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, a filósofa alemã Hannah Arendt, através de uma de suas obras mais influentes, *A Condição Humana*, desenvolve uma reflexão que objetiva compreender as bases da atividade humana e suas implicações na vida política e social. Nesta direção, propõe “[...] uma reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências e nossos temores mais recentes.” (Arendt, 2007, p.13). Na referida obra, Arendt (2007) propõe uma investigação filosófica que busca delinear, tanto os traços particulares quanto os aspectos universais que compõem a “condição humana”. Para alcançar tal objetivo, a autora estabelece uma diferenciação conceitual entre três atividades fundamentais, o *labor*, o *trabalho* e a *ação*, as quais constituem dimensões distintas, porém interdependentes, da existência humana e de sua relação com o mundo.

Desse modo, Segundo Arendt (2007), observa-se uma descontinuidade, uma espécie de fratura na noção de *vita activa*. À luz da tradição da Grécia Antiga, essa expressão estava originalmente associada à participação na *pólis* e à contemplação do mundo, sendo, portanto, distinta da esfera do trabalho e das necessidades materiais. No entanto, com o advento da modernidade, ocorre uma inversão: aquilo



que outrora remetia à realização humana passa a ser reinterpretado sob a ótica da aflição e do esforço, revelando uma transformação.

Um dos elementos que contribuem para a compreensão do pensamento de Arendt reside na distinção conceitual entre *labor* e *trabalho*. Em linhas gerais, o *labor* é entendido como a atividade voltada à manutenção da vida biológica, associada às necessidades imediatas e cíclicas da subsistência, o que implica uma limitação da dimensão criativa e individual do ser humano. Em contraste, o *trabalho* representa a capacidade de produzir, todavia, ultrapassando o domínio da sobrevivência, avançando para além da mera existência dos indivíduos.

Ao propor uma distinção entre *labor* e *trabalho*, Arendt (2007) esboça um diálogo crítico com Marx, especialmente no que diz respeito ao trabalho como categoria essencial na produção e reprodução da vida social. Arendt argumenta que, na concepção marxiana, o trabalho é compreendido como uma atividade de natureza essencialmente biológica, inserida num processo contínuo de produção e consumo. Tal interpretação, segundo a autora, circunscreve o trabalho às necessidades vitais da existência humana.

Ao definir o trabalho como o ‘metabolismo do homem com a natureza’, em cujo processo ‘o material da natureza é adaptado, por uma mudança de forma às necessidades do homem’, de sorte que ‘o trabalho se incorpora ao sujeito’, Marx deixou claro que estava ‘falando fisiologicamente’, e que o trabalho e o consumo são apenas dois estágios do eterno ciclo da vida biológica (Arendt, 2007. p. 110).

Torna-se pertinente, ainda que de modo introdutório, apresentar alguns elementos que contribuam para contextualizar este diálogo. As obras de Marx e Engels tiveram ampla circulação nos países de língua inglesa, onde os termos *labour* (ou *labor*, na grafia estadunidense) e *work*, embora semanticamente distintos, são frequentemente traduzidos para o português como “trabalho”.<sup>3</sup>

O tema foi objeto de observação. Engels (Marx, 2017, p.124), em nota à quarta edição inglesa de O Capital, sinaliza:

---

<sup>3</sup> Ver: MATTOS, Marcelo Badaró. A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo. 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.



A língua inglesa tem a vantagem de ter duas palavras para esses dois diferentes aspectos do trabalho. O trabalho que cria valores de uso e é determinado qualitativamente é chamado de *work*, em oposição a *labour*, o trabalho que cria valor e só é medido quantitativamente se chama *labour* em oposição a *work*.

A análise de Arendt (2007) revela limitações na apreensão de trabalho em Marx, na medida em que tende a tratá-la de forma delimitada, contrastando com a complexidade dialética que caracteriza a compreensão marxiana acerca do tema. A partir de Lukács (2005, p. 42) “[...] conceitos não são esquemas rígidos que, uma vez determinados, já não mudam seu sentido [...]”, assim inscritos estariam próximos de uma concepção positivistas, desse modo, num sentido inverso da analítica marxiana.

Seguindo com Lukács (2005, p. 42),

[...] consiste em que os conceitos não são configurações intelectuais isoladas entre si e que podem ser compreendidos abstratamente; são, ao contrário, realidades vivas, que geram um processo de transição contínua, de salto. Estes conceitos, assim compreendidos, criam um processo no qual os conceitos isolados se convertem necessariamente na antítese de sua formulação originária, na negação de si mesmos, para unificar-se ali, tal como na negação da negação, em uma unidade mais elevada, e assim sucessivamente até o infinito.

A ênfase no movimento, nas transformações e nos saltos qualitativos constitui um elemento central para uma compreensão mais precisa das elaborações marxianas. À vista disso, a leitura *arendtiana* que reduz a categoria de trabalho em Marx a uma atividade meramente natural revela-se um equívoco teórico significativo. As dimensões naturais e sociais do processo de produção e reprodução social apresentam-se, em Marx, como esferas intrinsecamente articuladas, impossíveis de serem apreendidas de forma separada ou contraposta. A suposição de uma cisão entre o que é natural e o que é social conduz a uma leitura que distorce o caráter unitário do real. Assim, qualquer tentativa de disjunção entre essas dimensões implicaria uma limitação teórica significativa, por não captar o movimento concreto da realidade tal como proposto na análise marxiana.



Importa salientar que, em Marx, não se verifica um alinhamento automático entre o que é natural e as esferas sociais. A relação entre natureza e sociedade estabelece-se de modo dialético, expressando simultaneamente integração e negação. O processo de produção e reprodução social, ao incorporar a natureza, transforma-a, evidenciando o caráter contraditório e dinâmico dessa relação no interior da totalidade social.

Para Marx (2010, p.84):

O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto de sua vontade e de sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinada de (Bestimmtheit) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é atividade livre.

A partir do exposto, percebemos que, ao distanciar-se de uma concepção do trabalho restrita à dimensão natural, os escritos de juventude de Marx já evidenciam uma compreensão do trabalho como atividade intrinsecamente social. Essa compreensão, presente nos textos iniciais, adquire maior consistência e complexidade nas obras da maturidade, nas quais o trabalho é tratado como categoria fundamental na mediação entre natureza e sociedade.

Seguindo com Marx (2017, p. 255), “o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, *medeia, regula e controla* seu metabolismo com a natureza”. Assim, destacamos a passagem no Capítulo V de O Capital:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como

lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. (Marx, 2017, p. 255-256)

Em Marx, é necessariamente o trabalho que possibilita ao ser humano transcender a sua condição puramente biológica. A natureza, embora integrada no mundo humano, é simultaneamente incorporada e superada no processo de produção e reprodução social, revelando o caráter dialético dessa relação.

A concepção marxiana de trabalho não se limita à sua dimensão natural, sendo constituída por determinações sociais que lhe conferem caráter histórico e relacional. Embora a natureza constitua elemento indispensável nesse processo, é a historicidade da categoria trabalho que permite compreender a sua complexidade no pensamento de Marx. Essa dimensão, contudo, tende a ser obscurecida na leitura de Arendt.

Outro elemento apontado pela autora, já no prólogo, refere-se à expectativa de que o avanço das inovações técnicas e do desenvolvimento científico possa criar condições para a superação da mais fundamental das necessidades humanas: o trabalho. Para Arendt (2007, p.12), [...] o advento da automação, que dentro de algumas décadas provavelmente esvaziará as fábricas e libertará a humanidade de seu fardo mais antigo e natural, o fardo do trabalho e da sujeição à necessidade.” A análise *arendtiana* insinua a possibilidade de uma nova condição humana desvinculada do trabalho.

Em consonância com essa linha de pensamento, e, em alguma medida, sob as influências das formulações *arendtianas*, diversos autores, nas últimas décadas do século XX, passaram a explorar criticamente as possibilidades do chamado “fim do trabalho” (Bell, 1977; Gorz, 1987; Habermas, 2000). Neste momento, não pretendemos avançar na discussão sobre as especificidades da interpretação *arendtiana* acerca de Marx, tampouco sobre as tensões internas que atravessam a sua construção teórica, porém, alerta-nos Duarte (2008, p.13-14):

Quando uma ilusão desempenha um papel na reprodução ideológica de uma sociedade, ela não deve ser tratada como algo inofensivo ou de pouca



importância por aqueles que busquem a superação dessa sociedade. Ao contrário, é preciso compreender qual o papel desempenhado por uma ilusão na reprodução ideológica de uma formação societária específica, pois isso nos ajudará a criarmos formas de intervenção coletiva e organizada na lógica objetiva dessa formação societária

À vista disso, preocupamo-nos com distintas formulações sobre o trabalho, elaboradas a partir de um determinado estágio do desenvolvimento das forças produtivas e marcadas pelo ideário da denominada “crise dos paradigmas”<sup>4</sup>, influenciaram o pensamento acadêmico brasileiro e se projetam, no presente, sobre o campo da educação.

Considerando o movimento de inflexão teórica que atravessa a produção contemporânea, marcado por distintas apropriações e distorções da categoria *trabalho*, as quais repercutem no campo educacional, jurídico e, por conseguinte, de distintas esferas, esta investigação, apresentada de forma integral no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), buscou examinar as implicações teórico-práticas da relação entre trabalho e educação nas teses e dissertações desenvolvidas nos programas de pós-graduação em educação no Brasil.

## A TRAJETÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

A relação entre trabalho e educação não pode ser compreendida fora de suas múltiplas determinações. Apesar da nossa pesquisa ter partido de teses de doutoramento, assim como, dissertações para a obtenção do título de mestre no campo específico de programas de pós-graduação em educação no Brasil, neste percurso, sublinhamos determinações que julgamos fulcrais e que constituem o nosso objeto. Nesse sentido, enfatizamos que não há uma forma única capaz de

---

<sup>4</sup> Uma das marcas distintivas da ideologia pós-moderna reside na insistente retórica em torno da chamada “crise dos paradigmas”. Esse chavão, frequentemente reiterado, assenta na premissa de que os fundamentos epistemológicos tradicionais perderam validade, conduzindo a uma desestabilização das categorias universais de verdade e racionalidade. Contudo, tal discurso se configura como uma construção falaciosa, cujo propósito é menos o de propor alternativas consistentes e mais o de relativizar os critérios de objetividade e coerência que sustentam o próprio exercício crítico.



estabelecer critérios para a avaliação qualitativa de programas de pós-graduação. Todavia, torna-se necessário considerar a função desempenhada pelas universidades e, por conseguinte, pela produção teórica desenvolvida em seus programas. É pertinente analisar tanto sua inserção no sistema produtivo quanto suas interações com os segmentos do poder político, reconhecendo que tais relações constituem dimensões fundamentais para a compreensão do impacto e da relevância desses programas.

Podemos, de forma preliminar, afirmar que a universidade brasileira se situa em um campo tensionado entre as marcas de arranjos autoritários herdados da ditadura empresarial-militar e as imposições igualmente coercitivas advindas das intervenções empresariais sobre o espaço público. As configurações contemporâneas do modo de produção e de reprodução social tendem a homogeneizar o espaço social, impondo sua lógica sobre distintos setores e condicionando as práticas institucionais e acadêmicas a padrões uniformizadores. Para Chauí (1978; 2001; 2016), a trajetória das universidades nas últimas décadas, identifica-se com a configuração contemporânea do modo de produção capitalista, apresentando-se estreitamente articulada à lógica neoliberal e à ideologia pós-moderna, assim, marcando de maneira determinante os traços estruturais e funcionais da universidade brasileira.

Avançando em nossa investigação e tomando como referência a prática social na produção do conhecimento, isto é, procurando ultrapassar as formas aparentes e aproximar-nos da complexidade do movimento real, orientamo-nos a partir da análise marxiana. Reconhecemos o rigor teórico da dialética materialista como o instrumento mais adequado para apreender a dinâmica social e, ao mesmo tempo, mantendo como característica imanente a necessidade de intervenção transformadora sobre a realidade.

A fim de avançar na consecução de nosso objetivo, tornou-se necessário delinear um conjunto articulado de procedimentos. Vaisman e Alves (2009, p.16), na apresentação do clássico *Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica*, destacam a seguinte indicação:



[...] produzir abstrações e expor o objeto, traçar o perfil de entificação do mesmo, ordenando o material recolhido na marcha da investigação efetiva, no corpo a corpo com o ente, não são compreendidos como atos puros ou formas *a priori*, mas como submissão ativa do sujeito a lógica intrínseca do objeto real.

Nesse contexto, selecionamos teses e dissertações disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), provenientes de programas de pós-graduação em educação que obtiveram nota máxima na última avaliação quadrienal (2017–2020) realizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A identificação dos trabalhos deu-se por meio da busca das expressões “trabalho” e “educação”, presentes simultaneamente em pelo menos um dos seguintes campos: título, resumo e/ou palavras-chave, configurando um critério de seleção orientado pela exposição da temática no diálogo com o nosso objeto de investigação.

Na etapa subsequente, concentramos nossa atenção na leitura imanente dos escritos, identificando as perspectivas teóricas mobilizadas nas teses e dissertações. Registramos os sentidos e apreensões em que a categoria trabalho se manifesta nessas pesquisas e, por fim, examinamos as possíveis implicações dessas concepções para a compreensão da relação entre *trabalho* e *educação* nos programas de pós-graduação analisados.

A partir do exposto, constatamos que, no período correspondente à avaliação quadrienal 2017–2020 da CAPES, três universidades brasileiras alcançaram a nota máxima nos programas de pós-graduação em Educação: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-RS). Optou-se, contudo, pela exclusão da UNISINOS das análises. A decisão fundamenta-se na compreensão de que, ainda que apresentem contradições internas e recebam significativos incentivos públicos nas últimas décadas, as instituições privadas mantêm uma natureza estruturalmente mercantil, o que as vincula, de modo mais direto, aos interesses de determinados grupos sociais.

A CAPES surge em 1951, “[...] com o propósito de fomentar a formação de pessoal especializado para atender às necessidades colocadas para impulsionar o desenvolvimento do Brasil” (Serafim, Gonçalves Júnior e Dias 2022, p.1), assim, o “Modelo CAPES de Avaliação” pode ser interpretado como um mecanismo de *regulação, controle e acreditação* característico das instâncias responsáveis pelo financiamento e supervisão dos programas de pós-graduação. Paralelamente, desempenha a função de legitimar e validar os títulos acadêmicos oriundos desses programas. Ademais, este modelo atua como vetor de disseminação local das transformações observadas na concepção de educação superior nos países centrais do sistema capitalista, refletindo a influência de paradigmas internacionais sobre a organização e a avaliação da produção científica nacional. Saviani (2020, p.33), sublinha que “[...] o manejo do conceito de produtividade no campo da pesquisa e da pós-graduação significa colocá-las sob a órbita do capital”.

Os critérios adotados para a seleção das dissertações e teses não buscaram, em nenhum momento, referendar ou validar as métricas definidas pela CAPES. A pesquisa parte de pressupostos críticos em relação a esse modelo de avaliação, ainda que reconheça sua relevância enquanto instrumento sistemático de regulação e referência no campo da pós-graduação. Reconhece-se, igualmente, que um sistema nacional de avaliação carrega e expressa uma série de movimentos contraditórios oriundos de distintas esferas sociais, os quais, em grande medida, influenciam e condicionam a dinâmica de produção acadêmica no país.

Diante do exposto, foram selecionadas nove pesquisas, compreendendo cinco teses de doutoramento e quatro dissertações de mestrado. Consideramos pertinente, ainda que de modo sintético, apresentar as produções acadêmicas que compuseram corpus analisado.

Quadro 1 – Produções Acadêmicas Analisadas

Título da Pesquisa	Instituição / Nível
A política de reconhecimento de saberes do ponto de vista da atividade de trabalho docente na Educação Profissional	UFMG / Doutorado

Conhecimento tácito no trabalho docente na educação física escolar: importância, sentidos e significados	UFMG / Doutorado
Contradições na atividade de trabalho das professoras dos anos iniciais em uma escola do estado do Tocantins	UFMG / Doutorado
Docência com bebês: experiências sociais e dimensão sensorial no trabalho de professoras e auxiliar no cuidado e educação de bebês em uma Instituição de Educação Infantil	UFMG / Doutorado
Trabalho docente, infância e políticas de alfabetização e de avaliação: um estudo sobre a identidade das professoras de 1º ciclo de Belo Horizonte	UFMG / Doutorado
Escola Técnica Federal de Mato Grosso (1968 a 2002): do ensino profissional técnico para as classes trabalhadoras à educação técnica apartada do trabalho	UERJ / Mestrado
Narrativas de professoras de Língua Portuguesa e Literatura: Vozes Negras em busca de possibilidades para o trabalho com a lei federal 10.639/03 na Educação Básica	UERJ / Mestrado
Processos formativos de docentes de inglês que trabalham na educação de jovens e adultos: estudo com egressos da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ / Mestrado
Docência compartilhada na educação infantil: implicações das formas de organização do trabalho nas identidades docentes de professoras de crianças de zero a dois anos de idade	UFMG / Mestrado

Fonte: os autores (2025)

## A MARGINALIZAÇÃO DA TEORIA

No âmbito dos debates acerca da teoria no campo das produções em educação, Moraes (2001), observa que uma parcela significativa dos educadores tende a negligenciar as preocupações teóricas, restringindo-as a um domínio considerado exclusivo da filosofia. Tal postura contribuiu para que o debate teórico fosse gradualmente marginalizado nas pesquisas em educação, produzindo implicações de natureza política, ética e epistemológica que reverberam na forma como o conhecimento é produzido. Nesse sentido, ao acompanhar o percurso analítico proposto pela autora, torna-se possível compreender como essa dissociação entre teoria e prática influencia a constituição do pensamento educacional contemporâneo:



A celebração do "fim da teoria" — movimento que prioriza a eficiência e a construção de um terreno consensual que toma por base a experiência imediata ou o conceito corrente de "prática reflexiva" — se faz acompanhar da promessa de uma utopia educacional alimentada por um indigesto pragmatismo. (MORAES, 2001, p.10)

Nesta esteira, A autora procura oferecer algumas indicações para compreender o processo de marginalização dos debates teóricos no campo da educação. Entre os fatores apontados, sobressai, em um plano mais imediato, a materialização das políticas educacionais delineadas no interior dos programas de pós-graduação. Esse contexto está fortemente relacionado às exigências impostas pela CAPES, que acabam por pressionar mestrandos e doutorandos a manter um ritmo de produção cada vez mais acelerado, o que, em consequência, tende a reduzir o espaço destinado à reflexão teórica mais aprofundada.

Duarte (2010, p. 69), alerta-nos:

A redução do tempo para a elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutorado contribuiu para a disseminação de uma relação utilitarista com o processo de formação do pesquisador e também para o rebaixamento das expectativas em relação ao grau de elaboração e de consistência teórica do texto final.

Entretanto, para além da limitação temporal imposta às pesquisas acadêmicas, Duarte (2010) e Moraes (2001) identificam na difusão da ideologia pós-moderna<sup>5</sup> um dos fatores centrais para a crescente desvalorização da teoria. Essa perspectiva, ao relativizar os fundamentos do conhecimento e questionar a possibilidade de totalidades explicativas, contribui para o enfraquecimento do papel teórico na produção científica e para a fragmentação do pensamento educacional. De acordo com Duarte (2010, p.70),

---

<sup>5</sup>Emprega-se o termo “pós-moderno” com o propósito de abranger um conjunto diversificado de tendências intelectuais e políticas que se desenvolvem a partir da segunda metade do século XX. Entre essas tendências figuram o pós-marxismo e o pós-estruturalismo. Reconhecemos diferenças entre essas correntes, mas elegemos a compreensão de Wood e Foster como ajustadas. Ver: *Em defesa da história: Marxismo e pós-modernismo*. Tradução: Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999



Como parte deste espírito pós-moderno, difundiu-se na pesquisa educacional a ideia de que a superação tanto do positivismo (com sua pretensão à neutralidade científica e sua preferência aos estudos quantitativos) quanto ao marxismo (o qual foi acusado de padecer de uma incapacidade crônica de lidar com fenômenos microestruturais, como o cotidiano escolar) ocorreria pela adoção de abordagens metodológicas mais próximas à etnografia, à antropologia e à fenomenologia. O mergulho do pesquisador no cotidiano escolar deveria ocorrer livre de teorizações e da ansiedade pelas sínteses. A difusão desse tipo de concepção fez com que as teses e as dissertações se tornassem cada vez mais meras descrições e narrativas. As descrições, no melhor dos casos, chegam a ser organizadas por meio de categorias empíricas e provisórias, desvinculadas de uma teoria que justifique sua adoção e seu uso, categorias essas quase sempre tomadas de empréstimo, de maneira fragmentada, eclética e pragmática, de alguns autores escolhidos a título de referencial teórico. As narrativas não fogem a esse perfil, mudando apenas a “metodologia” adotada.

Neste contexto de orientação prática, observa-se a valorização predominante do cotidiano como referência central. A teoria é frequentemente interpretada como um desvio de caráter excessivamente abstrato, o que conduz à primazia da experiência empírica, muitas vezes sem a devida consideração dos seus limites imediatos. Quando algum elemento teórico emerge, tende a fazê-lo de maneira fragmentada, restrito ao seu próprio enquadramento discursivo ou subjetivo.

Com efeito, “[...] ceticismo, irracionalismo, e fragmentação da realidade social, da ação política, do pensamento e do próprio sujeito” (DUARTE, 2010, p.70) revelam uma incoerência evidente, entretanto, configuram-se em uma medida ajustada à lógica pragmática que orienta as demandas empobrecidas do contexto em que se inserem. Neste terreno pantanoso, “[...] a crítica teórica perdeu a razão de existir, pois a teoria tornou-se mera ferramenta auxiliar na organização do texto sobre os dados colhidos no contato direto com a realidade.” (ibidem) É candente questionar quem ou quê, no campo da educação, teria legitimado a concessão de margem para o descompromisso com as preocupações teóricas?

Com o intuito de avançar em direção ao nosso objetivo, tornou-se imprescindível identificar as perspectivas teóricas mobilizadas, ou mesmo negligenciadas, na fundamentação das teses e dissertações nos programas de pós-graduação em educação. Indicamos, na sequência, as perspectivas teóricas reivindicadas nas teses e dissertações examinadas:

Quadro 2 – Produções Acadêmicas e suas Perspectivas Teóricas

Tese ou Dissertação	Perspectiva teórica reivindicada na pesquisa
A política de reconhecimento de saberes do ponto de vista da atividade de trabalho docente na Educação Profissional	Perspectiva histórico-cultural / abordagem ergológica
Conhecimento tácito no trabalho docente na educação física escolar: importância, sentidos e significados	Ergologia / materialismo histórico-dialético
Contradições na atividade de trabalho das professoras dos anos iniciais em uma escola do estado do Tocantins	Etnografia na educação/ teoria histórico-cultural
Docência com bebês: experiências sociais e dimensão sensorial no trabalho de professoras e auxiliar no cuidado e educação de bebês em uma Instituição de Educação Infantil	Sociologia da Experiência/ conceito de cuidado como categoria da sociologia do trabalho/ Antropologia dos Sentidos
Trabalho docente, infância e políticas de alfabetização e de avaliação: um estudo sobre a identidade das professoras de 1º ciclo de Belo Horizonte	Abordagem interpretativa/ Análise do discurso
Escola Técnica Federal de Mato Grosso (1968 a 2002): do ensino profissional técnico para as classes trabalhadoras à educação técnica apartada do trabalho	Não reivindica perspectiva teórica
Narrativas de professoras de Língua Portuguesa e Literatura: Vozes Negras em busca de possibilidades para o trabalho com a lei federal 10.639/03 na Educação Básica	Não reivindica perspectiva teórica – sustenta como caminho para pesquisa <i>narrativas autobiográficas</i>
Processos formativos de docentes de inglês que trabalham na educação de jovens e adultos: estudo com egressos da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Não reivindica perspectiva teórica
Docência compartilhada na educação infantil: implicações das formas de organização do trabalho nas identidades docentes de professoras de crianças de zero a dois anos de idade	Não reivindica perspectiva teórica

Fonte: os autores (2025)

## SENTIDOS E APREENSÕES DO TRABALHO

Com a emergência da modernidade, observa-se que as transformações econômicas, políticas e culturais repercutiram de maneira decisiva na



reconfiguração das relações entre o indivíduo e o grupo social em que se insere, “a concorrência isola os indivíduos uns dos outros, não apenas os burgueses, mas ainda mais os proletários, apesar de agrega-los” (Marx; Engels, 2007, p. 62). Assim, observa-se que os homens ‘livres’, submetidos à necessidade de vender sua força de trabalho, passam a privilegiar objetivos particulares em vez de interesses coletivos, processo que se consolida paulatinamente como elemento definidor da emergente sociabilidade moderna.

Esse contexto passa a influenciar de forma duradoura as modalidades de representação e, por conseguinte, os modos de apreensão da realidade. Com o desenvolvimento das forças produtivas, intensifica-se a percepção da ação humana sobre o mundo, ao mesmo tempo em que muitas certezas derivadas das estruturas de outras organizações sociais são, em grande medida, progressivamente desconstruídas.

A partir de evidências empíricas, torna-se necessário reconhecer que os seres humanos desempenham um papel ativo na construção do mundo. É relevante compreender a percepção desses sujeitos nesse novo contexto, ao mesmo tempo em que se faz essencial identificar as bases que moldam, condicionam e estruturam o indivíduo na nova sociabilidade. Durante a transição da Idade Média para a modernidade, certezas duradouras foram sendo esvaziadas, evidenciando os limites de formas de apreensão do mundo incapazes de abarcar sua complexidade. Na contemporaneidade, contudo, aqueles que ainda interpretam a realidade a partir de métodos hegemônicos permanecem distantes de reconhecerem as fragilidades das práticas atuais.

Ao longo deste percurso, na ausência consciente ou inconsciente de pressupostos, o *trabalho* — categoria central para a compreensão da realidade — também se insere nessa dinâmica. Observa-se, em relação a essa categoria, uma espécie de mistificação explícita ou implícita, que dificulta a identificação de concepções previamente estabelecidas sobre seu funcionamento. Nesse contexto, ao se buscar desmistificar tais concepções, ainda que se opte por uma abordagem teórica gnosiológica, que privilegie a primazia do sujeito na análise do objeto,

torna-se imprescindível incorporar uma perspectiva ontológica. Isso significa não se limitar à dimensão empírica ou sensível, mas avançar na investigação dos elementos essenciais que constituem a própria forma de ser do objeto analisado.

Ao enfatizar a necessidade de uma apreensão teórica de caráter ontológico para compreender a realidade de forma radical, recorreremos ao diálogo com György Lukács, um dos principais interlocutores de Marx, que, ao se debruçar nos anos 1930 sobre os Manuscritos de 1844, protagonizou uma inflexão significativa na tradição marxista. Na perspectiva de Lukács, Marx estabelece uma base ontológica que fundamenta o ser humano, ou seja, a maneira como os indivíduos se posicionam no mundo. Nesse sentido, o trabalho se configura como uma categoria preponderante desse movimento, constituindo-se, portanto, como essencial na estruturação do ser social. (LUKÁCS, 2010).

Se, por um lado, é verificável divergências no interior do campo marxista quanto à relevância de uma preocupação ontológica nas obras de Marx, por outro, não é evidente afirmar categoricamente sua inexistência. Contudo, revela-se insuficiente limitar-se à invocação do *trabalho como categoria central* para elucidar integralmente a questão. De acordo com Fortes (2016, p.47):

Quando Lukács inicia pelo complexo trabalho, quer trazer os elementos fundantes do ser social, demonstrar como as categorias desta forma do ser não são elementos transcendentais que pressupõem a mundanidade, mas atributos oriundos do decurso histórico da autoprodução humana. Em síntese, o homem é definido como um ser que se autoproduz, deste modo, não há elementos anteriores à sua própria existência, um atributo transcendente que ponha a essência do humano como uma anterioridade necessária ao próprio mundo.

Para além dos usos mais ansiosos acerca da perspectiva *lukacsiana*, ressaltamos que “quando buscamos compreender, entender e apreender a vida, o mundo, partimos da vida e do mundo e não do conceito sobre a vida e sobre o mundo.” (SOUZA JÚNIOR, 2015, p.143) É neste sentido que Chasin (s/d) afirma:

A dialética toma como ponto de partida um instante muito mais natural e historicamente efetivo. A dialética instaura sua gnosiologia a partir do instante em que ela descobre no homem efetivo, não no homem



especialista, no homem filósofo, no homem intelectual, mas no homem comum, no homem na sua cotidianidade, a partir desse homem que trabalha, e eu grifo a palavra trabalha, é que instaura a problemática gnosiológica.

Com base na indicação de Chasin, destacando o trabalho como um dos principais indicadores das limitações das perspectivas gnosiológicas, procedemos à análise dos sentidos e apreensões atribuídos à categoria trabalho nas teses e dissertações selecionadas. Após a leitura, foi possível verificar que apenas 01 entre as 09 selecionadas demonstrou no seu interior algum tipo de preocupação explícita com a categoria trabalho a partir de um ponto de vista ontológico. Assim, abrindo diálogo com Duayer, Siqueira e Ecurra (2013, p.18) destacamos que:

[...] toda reivindicação de conhecimento tem por pressuposto uma ideia, por geral que seja, da constituição do objeto do qual se reclama conhecimento. Em consequência, impugnar a ontologia significa adotar de forma acrítica concepções substantivas sobre o mundo. Por contraste, admitir o caráter incontornável da ontologia implica a necessidade de investigar as concepções que fundam nossas ideias e as práticas que elas facultam.

Ao analisarmos o complexo educacional, é preciso afirmar que há uma preponderância objetiva sobre a subjetividade e o embaraço desta questão, frequentemente, tende a impossibilitar a apreensão dos sentidos do trabalho. Com efeito, consideramos essencial, para compreensão das múltiplas interações entre trabalho e educação, um ponto de vista ontológico, capaz de iluminar não apenas os aspectos empíricos, mas também os elementos constitutivos que formam a realidade social analisada.

## **IMPLICAÇÕES TEÓRICAS: TRABALHO E EDUCAÇÃO**

Ao examinarmos o conjunto de pesquisas selecionadas, verificamos a recorrente ausência da reivindicação de qualquer perspectiva teórica e a adoção de concepções centradas na subjetividade, desse modo, elegendo a experiência cotidiana como principal meio de apreensão da realidade. É importante ressaltar que, de maneira alguma, consideramos infundadas as abordagens teóricas

destacadas nas teses e dissertações; ao contrário, elas estão fundamentadas em contextos específicos. No entanto, essas perspectivas demonstraram-se insuficientes para capturar a complexidade da realidade ou, em certos casos, fundidas com abordagens teóricas que apresentam inconsistências entre si.

Nesse contexto, um dos escritos analisados adota a perspectiva histórico-cultural, recorrendo simultaneamente à ergologia como instrumento para abordar o trabalho docente. Lima (2019), embora busque diferenciar os caminhos escolhidos, defende a necessidade de uma combinação eclética. Contudo, frequentemente, os defensores desses hibridismos teóricos precisam recorrer a estratégias articulatórias para justificar a aplicação de determinadas abordagens, evidenciando tensões conceituais subjacentes.

Assim, foi possível averiguar em Lima (2019), como ponto de partida a reivindicação da teoria da atividade a partir da perspectiva de autores soviéticos e, ao mesmo tempo, a conclusão em diálogo com *Maurice Tardif* que cinde de maneira vulgar e tendenciosa teoria e prática<sup>6</sup>. No diálogo com Peixoto (2017, p. 21), “o materialismo dialético refere-se justamente ao movimento, ao desenvolvimento, ao ser do objeto apanhado nas suas múltiplas determinações para além do objeto enquanto evidência imediata”, uma vez acionado, prescinde de combinações com perspectivas teóricas de outras matrizes.

Destacamos que duas entre as nove teses e dissertações analisadas recorrem a *ergologia* como uma abordagem teórica para analisar o trabalho docente. Entre elas, Pereira (2021, p. 114) afirma que “a dimensão concreta do trabalho para a ergologia reside na atividade de trabalho, ou seja, nas *formas singulares*<sup>7</sup> em que homens e mulheres governam o trabalho”. Sublinhamos que o trabalho como categoria se configura na sua inumerável amplitude, encontrando-se de forma incessante dividido em diferentes movimentos o que o torna ao mesmo tempo “concreto e específico”. À vista disso, não pode ser compreendido apartado

---

<sup>6</sup> Ver: DUARTE. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (por que Donald Schön não entendeu Luria). *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 601-625, agosto 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GvtW5bPLwmVLGD3mvDq9FrB/?format=pdf>

<sup>7</sup> Grifos nossos.



do “trabalho geral, abstrato e igual” sob o risco de uma compreensão parcial e, por conseguinte, limitada. A afirmação de Pereira (2021), possivelmente, revela uma incompletude da compreensão acerca das contradições da categoria trabalho capturadas por Marx no decorrer de suas obras, assim como, o destaque nas “*formas singulares*” explicita um anseio pela expressão imediata do fenômeno, isto é, pela ênfase na captura prática do trabalho.

Em tempo, destacamos algumas passagens do conjunto de pesquisas analisadas:

As formas como as professoras enfrentam as contradições na Atividade evidenciam a dialética entre estrutura *versus* agência, pois elas buscam encontrar por elas mesmas caminhos para lidar ou romper com as formas de regulação do seu trabalho pelo sistema de ensino. Elas desenvolvem ações específicas que têm o potencial de transformação, ainda que momentânea, das amarras do sistema. (SOUSA, 2020, p.09)

Em conformidade com a argumentação anterior:

A lógica da estratégia entra em ação a partir do gerenciamento das tensões que surgem durante as interações, principalmente nas interações nas quais a lógica da integração, as formas reguladoras dos níveis de organização, da identidade e dos valores aparecem. São nos momentos interacionais que as professoras e a auxiliar estabelecem negociações em prol do seu bem-estar e do bem-estar do outro ao mesmo tempo em que durante o “desenrolar do serviço” elas também são reguladas pelas normas institucionais e pelos próprios pares. Nesse contexto complexo, as ações desenvolvidas por professoras e auxiliar servem como recurso indispensável para a construção da experiência individual e coletiva que constitui a docência com bebês. São as trocas de experiências com os pares que oferecem elementos para construção da sua própria experiência. (BINTENCOURT, 2020, p.197)

Ou ainda:

[...] as professoras deste estudo demonstraram ser estudiosas e interessadas em formações que atendam as demandas de suas práticas em salas de aula. Seja dentro ou fora do espaço escolar, dentro ou fora da carga horária de trabalho, esta posto o desafio de se promover formações que se articulem as demandas pedagógicas da escola e das professoras e que, também, possibilitem o tempo para o compartilhamento de experiências e a reflexão sobre a infância, a criança, os processos



educativos desenvolvidos na escola e o campo de recontextualização de produção. (ARAÚJO, 2019, p.286)

As posições analisadas, ao mesmo tempo em que negam determinados aspectos, reforçam de maneira contraditória uma postura conservadora frente à realidade observada. Embora as passagens selecionadas para o diálogo aparentem, à primeira vista, manifestar resistência e denúncia em relação às dificuldades do trabalho docente, observa-se que, em grande medida, as teses e dissertações estudadas acabam incorporadas a representações que consolidam uma determinada visão de mundo que não ultrapassa os muros do reformismo.

Dessa forma, a apreensão do trabalho de maneira subjetiva, frequentemente apresentada como integral, naturalizada e desvinculada de sua forma concreta, limita a produção de dissensos, no máximo, no interior de sua própria estrutura. Desse modo, restringem-se em perspectivas teóricas incapazes de captar as determinações gerais da ordem social que poderia conferir um sentido amplo ao trabalho, bem como não avançam para além da percepção imediata do sujeito ou do grupo estudado, que, em grande medida, reproduz os valores dominantes.

Conforme exposto, consideramos a perspectiva ontológica essencial para apreender a relação entre trabalho e educação. Entretanto, reivindicar tal perspectiva não consiste, de forma alguma, em um simples conhecimento do ser das coisas ou da natureza do mundo; trata-se, antes, de compreender de que modo o ser das coisas orienta as diversas esferas da vida humana. Se o ser das coisas estrutura o mundo tal como ele se apresenta, nossas concepções sobre o mundo contribuem para sua conformação. Quando deixamos de analisar a realidade a partir de seus desdobramentos histórico-sociais e de seu movimento e transformações, legitimamos o mundo na forma em que se evidencia, sem criar perspectivas de ações radicalmente transformadoras.

Seguindo Duayer, Siqueira e Escurra (2013, p.19)

[...] se as representações ontológicas são incontornáveis e centrais na práxis social dos sujeitos e, mesmo quando falsas, possuem um poder social real, resulta evidente que a crítica ontológica é um imperativo. Se as estruturas sociais geram e necessitam de representações ontológicas



falsas por parte dos sujeitos, e por meio delas os sujeitos em sua práxis reproduzem essas estruturas, então somente uma crítica ontológica pode romper com tal círculo vicioso que necessariamente frustra os projetos de um mundo mais humano.

A identificação da primazia das formas de produção e reprodução da vida, formulada por Marx e Engels (2007), bem como a ênfase no caráter ontológico dessa atividade, destacada por Lukács (2012), não expressam um ordenamento sistemático ou hierárquico em relação a outras categorias. Tampouco impõem uma delimitação rígida entre as diversas esferas da vida e a sua vinculação com o trabalho. Entretanto, é necessário reconhecer que uma categoria pode possuir prioridade ontológica em relação às demais, o que implica compreender sua posição fundamental na constituição e na articulação do todo social. Assinala Lukács (2012, p. 307.) que “[...] dadas duas categorias, a primeira pode existir sem a segunda, porém o contrário é ontologicamente impossível”, portanto, na relação entre trabalho e educação, o primeiro pode existir sem o segundo, mas o inverso, é irrealizável.

Dessa forma, qualquer tentativa de dissociar o processo de produção da vida do fenômeno educativo conduz inevitavelmente a uma perspectiva limitada e estéril. As relações fundamentais entre trabalho e educação não se manifestam apenas na prática docente imediata, mas encontram seu fundamento no modo de produção dominante. Assim, uma análise crítica da questão educacional requer abordá-la em suas múltiplas dimensões que incluem o currículo, as metodologias de ensino, os níveis de escolarização e a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos, reconhecendo, contudo, que sua concretização está intrinsecamente vinculada a outras esferas da vida social. Portanto, na articulação entre trabalho e educação, é possível conceber a existência do trabalho independentemente da educação; contudo, o contrário revela-se inviável, uma vez que o processo educativo emerge historicamente das necessidades e mediações impostas pela prática social do trabalho.

Ao negar a prioridade ontológica do trabalho, a educação tende a ser compreendida como um fenômeno da consciência, desvinculado de suas determinações histórico-sociais. Nessa perspectiva, a forma educacional passa a refletir apenas as representações e intenções dos sujeitos, e não o resultado



concreto de uma determinada formação social. Conseqüentemente, o enfrentamento dos problemas educacionais é frequentemente reduzido à elaboração de novas ideias, concepções pedagógicas centradas no sujeito ou ajustes nas políticas públicas. Multiplicam-se, assim, soluções aparentes que, embora bem-intencionadas, acabam por encobrir a dimensão essencial do trabalho como categoria fundante da vida social.

Em nenhuma circunstância se pretende reduzir a relevância de compreender o espaço educativo em seu movimento dialético, marcado por contradições e potencialidades, nem se busca desconsiderar a importância da disputa de ideias ou a validade de outras mediações pedagógicas, o propósito é, antes, desmistificar a relação entre trabalho e educação, situando-a em sua concretude histórica. Nessa perspectiva, torna-se indispensável apreender as formas de produção e reprodução da vida em sua totalidade, isto é, nas relações entre os seres humanos e a natureza, bem como nas mais diversas interações sociais, todavia, reconhecendo o modo de produção como objeto central e determinante no processo de transformação social.

Podemos constatar que o mais alto nível de trabalho social se realiza no atual modo produtivo. Sendo a constituição do valor estruturante para o sistema capitalista, intensifica-se como nunca a produção. Esse movimento resulta na ampliação acentuada dos eixos organizativos das esferas produtivas, mesmo quando desregulamentado juridicamente. Desse modo, ao contrário do que anunciavam os “profetas” do fim do trabalho<sup>8</sup>, é justamente como o desenvolvimento técnico no sistema capitalista que o trabalho arroga-se como central. A multiplicidade de dados empíricos disponíveis confirma essa tendência, evidenciando a intensificação e ampliação do uso da força de trabalho sob novas formas e condições históricas.

Entretanto, no contexto das estratégias de desenvolvimento capitalista contemporâneas caracterizadas pelo fortalecimento simultâneo dos mecanismos de

---

<sup>8</sup> Diversos autores nas últimas décadas do século XX, difundiram as possibilidades de fim do trabalho e/ou fim da centralidade do trabalho no modo de produção capitalista, entre eles Hannah Arendt, Daniel Bell, André Gorz, Jürgen Habermas.



consenso e de coerção, novas gerações de trabalhadores ingressam no mundo do trabalho sob as determinações do regime de acumulação flexível. Nessa configuração, a inserção no processo de valorização do capital ocorre de modo disperso, instável e fragmentado, dificultando, em muitos casos, que o próprio trabalhador se reconheça enquanto tal. O capitalismo, ao buscar incessantemente a expansão do valor, depende integralmente da força de trabalho para sua valorização. Dessa forma, o trabalho mantém-se como elemento central na dinâmica reprodutiva do sistema, convertendo indivíduos de distintas origens e formações em trabalhadores, ainda que a própria lógica do capital contribua para mascarar ou negar essa condição objetiva.

O afastamento da categoria trabalho de sua posição central no modo de produção capitalista, impulsionado pela equivocada noção de “fim do trabalho” e pela predominância de abordagens de natureza gnosiológica, evidenciou-se como um traço recorrente nas pesquisas analisadas sobre a relação entre trabalho e educação. Tais perspectivas tendem a deslocar o foco das determinações materiais e históricas para interpretações centradas na consciência e na subjetividade. Diante disso, coloca-se a questão: seria justamente a ausência de uma fundamentação ontológica o principal fator que limita o tratamento da categoria trabalho nas teses e dissertações examinadas?

É necessário proceder com cautela nessa análise. O aparente silenciamento de uma abordagem ontológica, ainda que não intencional, não implica a sua completa ausência. Trata-se, antes, de uma omissão apenas aparente, pois mesmo as pesquisas que se orientam predominantemente por um enfoque gnosiológico carregam, de modo implícito, uma determinada concepção ontológica. Assim, na medida em que essa perspectiva se oculta, acaba por se revelar, evidenciando que toda investigação, ainda que pretenda restringir-se a uma determinada abordagem, pressupõe uma compreensão do ser e da realidade que a fundamenta. Destacamos que “[...] conhecer e explicar o mundo de determinada forma são condições imprescindíveis para que uma classe conquiste e mantenha seu domínio sobre outras”. (Tonet, 2013, p. 16).



Em síntese, observa-se a presença de uma concepção prévia e naturalizada do modo de produção vigente, que se impõe por meio das singularidades captadas e das análises imediatas dos fenômenos. Nessa perspectiva, a impossibilidade de uma crítica ontológica reflete a conformação da sociabilidade atual, sobre a qual se estruturam diferentes dimensões da vida social, incluindo a educação, o direito, etc. O trabalho, considerado em sua multiplicidade, deve ser compreendido em sua forma contemporânea, subsumida à lógica do sistema capitalista, sem que se ignore, entretanto, a amplitude de seus sentidos.

É, portanto, imprescindível compreender o fenômeno em sua gênese, reconhecendo sua íntima articulação com as estruturas sociais que condicionam sua forma de existência, sem, contudo, reduzi-lo à sua manifestação atual. De modo complementar, ao não apreender a realidade em seu movimento contraditório constante, ainda que de maneira inconsciente, pode-se negar o antagonismo entre classes sociais e reforçar a aparente imutabilidade do modo de produção vigente.

Não obstante, o trabalho se configura como categoria central para compreender a gênese do desenvolvimento do ser social, embora, na prática imediata, tal relevância raramente seja considerada. Trata-se de uma dimensão essencial que não pode ser adequadamente apreendida por abordagens teóricas centradas predominantemente no sujeito. A mediação entre as formas de produção e reprodução da vida social e o complexo educacional revelou-se, ao longo da pesquisa, em grande medida, fragmentada. As formulações teóricas que legitimam essa cisão predominam entre os estudos analisados, deixando de considerar tanto a pressão que o trabalho exerce sobre o campo educacional quanto a influência recíproca que, não longe das contradições, a educação exerce sobre o mundo do trabalho.

Ao não apreender a relação entre trabalho e educação a partir de suas determinações históricas, inviabiliza-se a compreensão do trabalho como condição estruturante da vida social, restringindo a possibilidade de uma análise dialética da totalidade social. Nas teses e dissertações, objeto desta introdutória análise, mesmo quando os autores mobilizam a dimensão negativa do trabalho na sociedade



capitalista, ele é apresentado apenas como passível de ser reformado, restaurado ou ajustado, mas jamais superado em sua forma vigente. Desvinculados os elos entre o modo de produção atual e o campo educacional, a produção teórica tende a reproduzir e consolidar as relações sociais existentes, tensionando, desse modo, distintas esferas sociais que se relacionam com a educação, bem como, de forma direta ou indireta com o trabalho, inclusive as esferas jurídicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ressaltamos que nossa incipiente pesquisa, em nenhum momento, teve como objetivo desprestigiar as teses e dissertações selecionadas. Pelo contrário, reconhecemos as produções teóricas analisadas como fundamentais para a construção do conhecimento, manifestando, assim, nosso respeito aos autores dessas obras. Com base nos critérios estabelecidos e nos objetivos delineados, tornou-se necessário submetê-las ao exame da crítica. Apesar das limitações deste estudo, consideramos que conseguimos, minimamente, abrir diálogos relevantes. Entendemos que toda pesquisa deve, ao menos, possibilitar reflexões e debates, e que, nas lacunas deste trabalho, possam emergir múltiplos caminhos de investigação associados à necessidade de transformação radical da sociedade.

Assim, dedicamo-nos a evidenciar as implicações teóricas observadas, a partir de nossas análises, nas teses e dissertações estudadas. Constatamos, de maneira recorrente, a ausência de reivindicação de uma perspectiva teórica explícita e, sobretudo, a presença de abordagens que permaneceram circunscritas ao âmbito empírico. Cabe destacar que, mesmo aquelas pesquisas que não se filiam a nenhuma corrente teórica específica encontram-se, de forma implícita ou explícita, marcadas por determinadas tradições teóricas, revelando a persistência de pressupostos teóricos subjacentes.

Foi possível constatar um pluralismo metodológico inadequadamente apresentado como solução capaz de lidar com a complexidade da realidade, assim como se evidenciou o superdimensionamento da prática em detrimento da teoria.



Nesse contexto, ao se considerar a divisão social do trabalho no modo de produção atual, compreendemos que a análise complexa da realidade permanece reservada àqueles que detêm o conhecimento, enquanto o universo da prática imediata, dentro da ordem estabelecida, é acessível a todos em posição de subalternidade. Ao examinarmos os sentidos e apreensões do trabalho, verificamos que, de forma quase unânime, as pesquisas se fundamentaram em abordagens gnosiológicas, orientadas pelo sujeito em relação ao objeto.

Em uma fase de desenvolvimento caracterizada por rápidas transformações, em que conhecimentos de natureza técnico-científica se incorporam progressivamente a diversos processos produtivos, torna-se essencial debater a função da educação na reprodução das relações sociais predominantes e, simultaneamente, na superação de suas limitações. Ao considerar as conexões entre a expressão ideal do mundo e sua materialidade, isto é, o conjunto das relações sociais existentes, constata-se que, nas teses e dissertações analisadas, predominam abordagens teóricas de caráter subjetivista, que privilegiam a experiência imediata como forma de conhecer a realidade, permanecendo, assim, afastadas de uma crítica ontológica

Ao interditar a possibilidade de indagar o ser das coisas, centrando-se na imediaticidade e nas aparências fenomênicas, e restringindo-se às regularidades sensíveis, a teoria transforma-se em mero mecanismo de reprodução das relações sociais vigentes. Em outras palavras, ao ocultar as determinações histórico-sociais e naturalizar o modo de produção atual, ela contribui para a perpetuação das relações sociais existentes, muitas vezes independentemente das intenções dos autores. Nessa perspectiva, a teoria assume uma função ideológica, implicando na mistificação das relações entre *trabalho e educação*.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sâmara Carla Lopes Guerra de. **Trabalho docente, infância e políticas de alfabetização**: um estudo sobre a identidade das professoras de 1º ciclo de Belo Horizonte, 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019.



ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução: Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BELL, Daniel. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial**: uma tentativa social. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Ed. Cultrix. 1977.

BITENCOURT, Laís Caroline Andrade. **Docência com bebês**: experiências sociais e dimensão sensorial no trabalho de professores e auxiliar no cuidado e educação de bebês em uma instituição de educação infantil, 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2020.

CAMILO, Rúbia da Conceição. **Docência compartilhada na educação infantil**: implicações das formas de organização do trabalho nas identidades docentes de professoras de crianças de zero a dois anos de idade, 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019

CHASIN, José. **Método Dialético**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/chasin/ano/mes/metodo.htm> Aulas ministradas durante o curso de pós-graduação em Filosofia Política, promovido pelo Dep. de Filosofia e História da Universidade Federal de Alagoas, de 25/01 a 06/02 de 1988. Acesso: 26/mar./2023

CHAUI, Marilena de Souza. **A reforma do ensino**. Revista Discurso, n. 8, pp. 148-149, 1978. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37840/40567> Acesso: 25/mar./2023

CHAUI, Marilena de Souza. **Contra a universidade operacional e a servidão voluntária** (intervenção realizada no Congresso da Universidade Federal da Bahia, em julho de 2016) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJr3SY2UpoE> Acesso: 25/mar./2023

CHAUI, Marilena de Souza. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

DIAS SOBRINHO, José. Avaliação da Educação Superior: regulação e emancipação. In: DIAS SOBRINHO, José; RISTOFF, Dilvo I. (Org.). **Avaliação e compromisso público**: a educação superior em debate. Florianópolis: Insular, 2003.

DUARTE, Newton. A pesquisa e a formação de intelectuais críticos na pós-graduação em educação. In: DUARTE, N. DELLA FONTE, S. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 2010



DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?**1º ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

DUAYER, Mario; SIQUEIRA, Andrea Vieira; ESCURRA, María Fernanda. A ontologia de Lukács e a restauração da crítica ontológica em Marx. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 17-25, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/jrk/a/Qvnb9nhHRwScVNkQW87xLrH/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 01/abr./2023.

FORTES, Ronaldo Vielmi. As três determinações fundamentais da análise lukacsiana do trabalho: modelo das formas superiores, prioridade ontológica e abstração isoladora Crítica da ideia da centralidade de trabalho em Lukács. In: **Verinotio** – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas. Ano XI. out./2016. n. 22. Disponível em: <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/335/322> Acesso: 15/mar./2023.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LIMA, Natália Valadares. **A política de reconhecimento de saberes do ponto de vista da atividade de trabalho docente na educação profissional**, 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019.

LUKÁCS, Geörge. O que é marxismo ortodoxo. In\_ **Táctica y Ética**: escritos tempranos. Buenos Aires: El cielo por asalto, 2005.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. - São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. 2. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007



MEDEIROS, Letícia Miranda. **Processos formativos de docentes de inglês que trabalham na educação de jovens e adultos**: estudo com egressos da Faculdade de Formação de Professores, 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017

MORAES, Maria Célia M. de. O recuo da teoria: dilemas da pesquisa em educação. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 14, n. 1, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37414102> Acesso: 03/mar./2023

PEIXOTO, Elza. M. de M. Análise da Produção do conhecimento: a prática como direção da crítica. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 9, n.2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/23638/14878> Acesso: 12/jun/2023.

PEREIRA, Jorge Adilson Gondim. **Conhecimento tácito no trabalho docente na educação física escolar**: importância, sentidos e significados, 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2021

SANTOS, Flávia Geane dos. **Escola Técnica Federal de Mato Grosso (1968 a 2022)**: do ensino profissional técnico para as classes trabalhadoras à educação apartada do trabalho, 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

SAVIANI, Dermeval. Meio Século de Pós-graduação no Brasil: do período heroico ao produtivismo pela mediação de uma modelo superior às suas matrizes. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 7, n. 14, Edição Especial, p. 12-39, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/46475/27269> Acesso: 02/abr./2023

SERAFIM, M. P.; GONÇALVES JUNIOR, O.; DIAS, R. A debandada da CAPES: um novo capítulo na história da Pós-Graduação Brasileira. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/4967> Acesso: 01/abr./2023

SOUSA, Luciana Pereira de. **Contradições na atividade de trabalho das professoras dos anos iniciais em uma escola do estado de Tocantins**, 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2020

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013



VAISMAN, Ester; ALVES, Antônio José Lopes. Apresentação. In: CHASIN, J. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.

VIANA, Janaína Nery. **Narrativas de professores de Língua Portuguesa e Literatura**: Vozes Negras em busca de possibilidades para o trabalho com a lei federal 10.639/03 na Educação Básica, 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores.

